

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 3

Atena
Editora
Ano 2020

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 3

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano

Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação em suas dimensões pedagógica, política, social e cultural
3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de
Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-29-0

DOI 10.22533/at.ed.290201302

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação – Inclusão social. I. Monteiro, Solange Aparecida de
Souza.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Brinquedo que for dado, criança brinca
brincando com fardado, criança grita
mas se leva pro sarau, a criança rima
(Carnevalli, Rafael, 2015)

A Educação, nas suas diversas dimensões, seja política, cultural, social ou pedagógica, é articular, acompanhar, intervir e executar e o desempenho do aluno/cidadão. As dimensões pedagógicas são capazes de criar e desenvolver sua identidade, de acordo com o seu espaço cultural, pois possuem um conjunto de normas, valores, crenças, sentimentos e ideais. Sobretudo, na maneira de conhecer as pessoas e conhecer o mundo, suas expressões criativas, tudo isto, é um espaço aberto para o desenvolvimento de uma Proposta Pedagógica adequada à escola e de acordo com o disposto na Lei no 9394/96, Título II, Art. 2o: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca do seu papel nesta sociedade, a qual exige um novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, que atenda as demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A escola deve também desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Para isso ela deve articular o saber para o mundo do trabalho e o saber para o mundo das relações sociais. No seu âmbito mais amplo, são questões que buscam apreender a função social dos diversos processos educativos na produção e reprodução das relações sociais. No plano mais específico, tratam das relações entre a estrutura econômico-social, o processo de produção, as mudanças tecnológicas, o processo e a divisão do trabalho, a produção e a reprodução da força de trabalho e os processos educativos ou de formação humana. Nesta nova realidade mundial denominada por estudiosos como sociedade do conhecimento não se aprende como antes, no modelo de pedagogia do trabalho taylorista / fordista fundadas na divisão entre o pensamento e ação, na fragmentação de conteúdos e na memorização, em que o livro didático era responsável pela qualidade do trabalho escolar. Hoje se aprende na rua, na televisão, no computador em qualquer lugar. Ou seja, ampliaram-se os espaços educativos, o que não significa o fim da escola, mas que esta deve se reestruturar de forma a atender as demandas das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social. A obra “A EDUCAÇÃO EM SUAS DIMENSÕES PEDAGÓGICA, POLÍTICA,

SOCIAL E CULTURAL” em seus 04 volumes compostos por capítulos em que os autores abordam pesquisas científicas e inovações educacionais, tecnológicas aplicadas em diversas áreas da educação e dos processos de ensino. Esta obra ainda reúne discussões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em educação, considerando perspectivas de abordagens desenvolvidas em estudos e orientações por professores da pós-graduação em educação de universidades públicas de diferentes regiões/lugares do Brasil. Essa diversidade permite aos interessados na pesquisa em educação considerando a sua diversidade e na aproximação dos textos percebe-se a polifonia de ideias de professores e alunos pesquisadores de diferentes programas formativos e instituições de ensino superior, podendo também cada leitor se perceber na condição de autor de suas escolhas e bricolagens teórico-metodológicas.

Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo. Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado. Segundo a educadora Telma Weiz, “a leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar à criança a cultura do grupo em que ela vive”. Este desafio requer trabalho planejado, constante e diário, além de conhecimento sobre as teorias e atualizações. Enfim, pode-se afirmar que um dos grandes desafios da educação brasileira hoje é não somente garantir o acesso da grande maioria das crianças e jovens à escola, mas permitir a sua permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações; é lidar com segurança e opções políticas claras diante do binômio quantidade versus qualidade. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (GILLES DELEUZE, A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica) Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário. Esta escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO E PERFIL DOCENTE DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: ANÁLISE DOS DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS	
Julliano Cruz de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2902013021	
CAPÍTULO 2	14
FRACASSO ESCOLAR NO BRASIL: PRINCIPAIS CAUSAS	
Maria do Rosário Alves de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.2902013022	
CAPÍTULO 3	24
GAME DA ÁGUA: UMA ATIVIDADE LÚDICA PARA O ENSINO DA QUÍMICA DA ÁGUA PARA ALUNOS DE ENSINO MÉDIO	
Regianne Ferreira da Silva	
Karolayne Amorim Souza	
Tatiana. Aparecida Rosa da Silva	
Edina Cristina Rodrigues de Freitas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2902013023	
CAPÍTULO 4	36
BRINCADEIRA PROTAGONIZADA COMO POSSIBILIDADE DIDÁTICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR	
Fernanda Oliveira Brigatto Silvano	
DOI 10.22533/at.ed.2902013024	
CAPÍTULO 5	45
GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA: PERSPECTIVAS E REALIDADE	
Nazaré dos Santos Costa Alves	
Ione Oliveira Jatobá Leal	
DOI 10.22533/at.ed.2902013025	
CAPÍTULO 6	54
IGARAPÉ BEM TEMPERADO 2016: A EXTENSÃO DA APRENDIZAGEM PARA ALÉM DOS MUROS DA FACULDADE	
Laylla Gabrielle Borges Correia Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.2902013026	
CAPÍTULO 7	69
INFÂNCIAS MARCADAS PELAS DINÂMICAS NAS RELAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS: UM DIÁLOGO ENTRE A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E PAULO FREIRE	
Ana Sebastiana Monteiro Ribeiro	
Renata Cristina de L.C.B. Nascimento	
Samantha Dias de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2902013027	

CAPÍTULO 8	79
JOGOS E ENSINO DE HISTÓRIA: O USO DO JOGO RPG (<i>ROLE PLAYING GAME</i>) DIGITAL PARA O ENSINO <i>ONLINE</i> DAS ROTAS DO TRÁFICO DE ESCRAVIZADOS NA BAHIA	
Joelma Cerqueira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2902013028	
CAPÍTULO 9	88
<i>LIGHTBOT</i> LOGICAMENTE: UM GAME LÚDICO AMPARADO PELO PENSAMENTO COMPUTACIONAL E A MATEMÁTICA	
Daniella Santaguida M. de Souza	
Graziela Ferreira Guarda	
Ione Ferrarini Goulart	
Maria Luiza F. Goulart	
DOI 10.22533/at.ed.2902013029	
CAPÍTULO 10	99
LITERATURA GAMIFICADA	
Carolina Müller	
DOI 10.22533/at.ed.29020130210	
CAPÍTULO 11	109
NANOCIÊNCIA E NANOTECNOLOGIA: UMA PROPOSTA MULTIDISCIPLINAR PARA O ENSINO MÉDIO	
Marccus Victor Almeida Martins	
Débora Silva Vidigal Dourado	
Jerliam Soares Araújo	
Jocélia Pereira de Carvalho Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.29020130211	
CAPÍTULO 12	117
NOVOS OLHARES SOBRE A PEDAGOGIA	
Rosemeire Ferrarezi Valiante	
Noely de Assunção Gomes	
Priscila Dayse Gomes Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.29020130212	
CAPÍTULO 13	133
O CURSO DE EXTENSÃO <i>OFICINA DE ALFABETIZAÇÃO</i> : REFLEXÕES, MUDANÇAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NOS RESULTADOS JUNTO ÀS CRIANÇAS ALFABETIZANDAS	
Luciane Manera Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.29020130213	
CAPÍTULO 14	145
O ENSINO DO DIREITO PARA OS INDÍGENAS	
Nadia Teresinha da Mota Franco	
Patrícia Guerrero	
DOI 10.22533/at.ed.29020130214	

CAPÍTULO 15	157
O ENSINO SUPERIOR PRIVADO E O PROCESSO DE PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE EM RONDÔNIA	
Rudhy Marssal Bohn Marilsa Miranda de Souza Francisco Cetrulo Neto	
DOI 10.22533/at.ed.29020130215	
CAPÍTULO 16	177
O PAPEL DO CORPO NOS PROCESSOS EDUCATIVOS: A RELAÇÃO CORPO/MENTE NA ESCOLA	
Caio Cezar Piraciaba de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.29020130216	
CAPÍTULO 17	188
O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NO CENÁRIO DAS ASSIMETRIAS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA	
Ana Kely Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.29020130217	
CAPÍTULO 18	201
O PROFESSOR, A SALA DE AULA, OS DESAFIOS QUE SE APRESENTAM E A APRENDIZAGEM COLABORATIVA	
Diego Souza dos Santos Irene da Silva Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.29020130218	
CAPÍTULO 19	211
O USO DE <i>FANFICTIONS</i> COMO PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE TEXTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Greicielle da Silva Borges Karyne Paula de Souza Franco Tauã Carvalho de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.29020130219	
CAPÍTULO 20	219
O USO DO LITEMAP EM UMA DISCUSSÃO COLABORATIVA	
Luziana Quadros da Rosa Renata Oliveira da Silva Lucyene Lopes da Silva Zaida Cristiane dos Reis Márcio Vieira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.29020130220	
CAPÍTULO 21	231
OBJETOS E FOTOGRAFIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA PARA O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Jéssica Domenic Candiani Martins Magda Madalena Tuma	

DOI 10.22533/at.ed.29020130221

CAPÍTULO 22 245

OFICINA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA PROFESSORES DO QUARTO E QUINTO ANO DA ZONA RURAL DA SEMED

Cleusa Suzana Oliveira de Araujo
Lucia Helena Soares de Oliveira
Maria José Pereira de Sousa
Kamila Queiroz Guimarães
Elizama de Oliveira Pereira Gaspar

DOI 10.22533/at.ed.29020130222

CAPÍTULO 23 254

OS DESAFIOS DO ENSINO DE LIBRAS: ADEQUAÇÃO DOS LÉXICOS UTILIZADOS NAS DISCIPLINAS DE LIBRAS DA UFJ

Thábio de Almeida Silva
Kamilla Fonseca Lemes
Érica Ferreira Melo

DOI 10.22533/at.ed.29020130223

CAPÍTULO 24 264

OS MÉTODOS UTILIZADOS NA EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NO MUNICÍPIO DE RIO VERDE – GO

Ayer Barsanulfo Franco
Alexsandro Silva Mateus
Max Miliano Costa
Jair Pereira Melo Júnior
João Eduardo Viana Guimaraes

DOI 10.22533/at.ed.29020130224

CAPÍTULO 25 272

OS POVOS ORIGINÁRIOS DO CARIRI PARAIBANO: DIÁLOGOS ANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

Elenilda Sinésio Alexandre da Silva
Aristófanés Alexandre da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29020130225

CAPÍTULO 26 280

OS SABERES NECESSÁRIOS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UM OLHAR SOB O PRISMA DISCENTE

Leonardo Mendes Bezerra
Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho
Terezinha de Jesus Maia Lima

DOI 10.22533/at.ed.29020130226

CAPÍTULO 27 292

OUTRO PERSONAGEM DE RANCIÈRE? - LOUIS-GABRIEL GAUNY E SEU RELATO AUTO-FORMATIVO

Vinicius B. Vicenzi

DOI 10.22533/at.ed.29020130227

CAPÍTULO 28	305
PABLO PICASSO: TRAÇOS E DESENHOS GEOMÉTRICOS. RELATOS DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA ACADEMICA DE ARTES VISUAIS – MODALIDADE PARFOR	
Lilian Verônica Souza Lindamir Aparecida Rosa Junge Roseli Kietzer Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.29020130228	
CAPÍTULO 29	313
PAULO FREIRE E MARIO OSORIO MARQUES: UM LEGADO DE EDUCAÇÃO HUMANIZADORA	
Antônio Carlos Gonçalves do Amaral Milton César Gerhardt Walter Frantz	
DOI 10.22533/at.ed.29020130229	
CAPÍTULO 30	322
EDUCAÇÃO SEXUAL: CRIANÇAS E O PROCESSO DE (RE)CONHECIMENTO DO CORPO, DA SEXUALIDADE, DO GÊNERO E DE SUAS EXPRESSÕES	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Melissa Camilo Débora Cristina Machado Cornélio Paulo Rennes Marçal Ribeiro Heitor Messias Reimão de Melo Fernando Sabchuk Moreira Valquiria Nicola Bandeira Carlos Simão Coury Corrêa Andreza de Souza Fernandes Monica Soares Vanessa Cristina Scaringi	
DOI 10.22533/at.ed.29020130230	
SOBRE A ORGANIZADORA	351
ÍNDICE REMISSIVO	352

OS DESAFIOS DO ENSINO DE LIBRAS: ADEQUAÇÃO DOS LÉXICOS UTILIZADOS NAS DISCIPLINAS DE LIBRAS DA UFJ

Data de aceite: 31/01/2020

Data de submissão: 04/11/2019

Thábio de Almeida Silva

Universidade Federal de Goiás, Curso de Letras
Português
Jataí – Goiás
<http://lattes.cnpq.br/4039607675575606>

Kamilla Fonseca Lemes

Instituto Federal de Goiás, Departamento de
Áreas Acadêmicas
Jataí – Goiás
<http://lattes.cnpq.br/2368033371586359>

Érica Ferreira Melo

Universidade Federal de Goiás, Curso de Letras
Português
Jataí – Goiás
<http://lattes.cnpq.br/2245955440992963>

RESUMO: Em consonância com a Legislação que determina a obrigatoriedade da disciplina de Libras, (BRASIL, 2002; 2005), a UFJ disponibiliza a oferta da referida disciplina nos cursos de licenciatura. Esta instituição de ensino superior é submetida a uma grande rotatividade de professores de Libras pois, a maioria destes profissionais são contratados por meio de processos seletivos simplificado. Deste modo, por virem de diferentes lugares e pelo fato de que a Libras não apresenta uma

unidade linguística em nosso país, eles fazem o uso de vários sinais regionais que, geralmente, não são utilizados pelos surdos da comunidade jataiense, os quais também aprenderam Libras por meio de apostilas de outras regiões do país. Assim, com o objetivo de apresentar a comunidade acadêmica, bem como a comunidade surda de jataí, um estudo acerca da variação linguística da Libras presente nos espaços da UFJ, pretendemos de maneira específica levantar uma discussão acerca da normatização dessa língua de sinais utilizada nesse ambiente acadêmico e pelos surdos da cidade de Jataí. O presente estudo se ancora nos pressupostos da pesquisa qualitativa, trata-se de um estudo bibliográfico com o apoio de Brito (1995), Castro Junior (2011), Oliveira e Marques (2014), dentre outros. Pretende-se ao final desta pesquisa, criar um material didático de apoio, tanto para os estudantes, quanto para os docentes da disciplina de Libras. Portanto, espera-se que este material contribua para que a UFJ se torne um espaço amplo de comunicação em Libras e, contudo, auxilie também no processo de inclusão dos surdos de Jataí. Como resultados parciais, nossos estudos apontam que a variação linguística consiste em algo natural, tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais, entretanto, quando se trata de uma variação muito ampla pode ocasionar em um desfavorecimento na comunicação, bem

como a interação entre surdos e ouvintes (que estão aprendendo Libras).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Libras. Disciplina de Libras. Surdos. Variação linguística.

LIBRAS TEACHING CHALLENGES: SUITABILITY OF THE LEXICES USED IN THE UFJ LIBRAS DISCIPLINES

ABSTRACT: In line with the Legislation that determines the compulsory discipline of Libras, (BRAZIL, 2002; 2005), the UFJ offers the offer of such discipline in undergraduate courses. This institution of higher education is subject to a great rotation of teachers of Libras because, most of these professionals are hired through simplified selection processes. Thus, because they come from different places and the fact that Libras does not have a linguistic unit in our country, they make use of various regional signs that are generally not used by deaf people from the Jataí community, who have also learned Libras, through handouts from other regions of the country. Thus, in order to present the academic community, as well as the deaf community of Jataí, a study about the linguistic variation of Libras present in UFJ spaces, we specifically intend to raise a discussion about the standardization of this sign language used in this environment. academic and deaf people in the city of Jataí. This study is based on the assumptions of qualitative research, it is a bibliographic study with the support of Brito (1995), Castro Junior (2011), Oliveira and Marques (2014), among others. At the end of this research, it is intended to create a support material for both students and teachers of the Libras discipline. Therefore, it is hoped that this material will contribute to the UFJ becoming a large communication space in Libras and, however, also help in the process of inclusion of Jataí deaf people. As partial results, our studies point out that linguistic variation consists of something natural, both in oral and sign languages, however, when it is a very wide variation can lead to a disadvantage in communication, as well as the interaction between deaf and listeners (who are learning Libras).

KEYWORDS: Libras Teaching. Libras Discipline. Deaf. Linguistic Variation.

INTRODUÇÃO

A Libras é a língua oficial da comunidade surda brasileira, de acordo com Strobel (2008), comunidade surda abrange não só os surdos, mas, também os ouvintes militantes que buscam o reconhecimento e a valorização das pessoas surdas, das suas culturas, bem como sua língua oficial. Silva (2017) nos esclarece que é a partir da Libras que o sujeito surdo compreende o mundo a sua volta, ou seja, que ele desenvolve a comunicação e interage com os surdos e ouvintes.

Para tanto, a Libras foi reconhecida a partir da promulgação da Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 e regulamentada a partir do Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2002; 2005). Este último, dentre várias atribuições tem como o objetivo de promover a inclusão do sujeito surdo nos diversos espaços da sociedade

em que vive. Para Silva (2017), as leis supracitadas se consolidam em um marco histórico de lutas e direitos de grande valia para a comunidade surda brasileira, pois a partir desses dispositivos, “a Libras passou a ser alvo de uma série de políticas públicas com o objetivo de se consolidar como efetivo instrumento de inclusão e comunicação dos surdos no país” (RAMOS, 2006 apud SILVA, 2017). Sendo assim, no Art. 4º da Lei supracitada, está previsto que:

O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente (BRASIL, 2002).

Dessa forma, a legislação garante a obrigatoriedade da disciplina de Libras, nos cursos superiores de licenciatura, de educação especial e de fonoaudiologia. Além de estabelecer a obrigatoriedade da disciplina de Libras, o Art. 9º do Decreto supracitado, estabelece um prazo de dez anos para que cem por cento dos cursos (de licenciatura, educação especial e de fonoaudiologia) das instituições de educação superior, tenham incluído a Libras como disciplina curricular (BRASIL, 2005).

Em consequência disso, as instituições públicas de ensino superior, começaram uma corrida para oferecer a disciplina de Libras nos cursos de formação de professores. Assim, diversos processos seletivos, para contratação de professor de Libras, foram abertos em todas as regiões do país. Na Universidade Federal de Jataí (UFJ) não ocorreu de forma diferente, a mesma, a partir de dados obtidos na página de sistemas de concurso realizou vários concursos, os quais disponibilizaram vagas tanto para cargos efetivos, quanto para processos simplificados temporários, estes últimos se configuraram na maior parte das contratações de professores de Libras da instituição (UFG, 2019).

Nos dias atuais do século XXI, a UFJ oferece a disciplina de Libras como disciplina obrigatória e/ou optativa, para os diversos cursos de graduação da universidade, além de oferecer curso de Libras por meio do Centro de Línguas da UFJ e por meio de ações de extensão. Assim, a universidade conta com quatro professores de Libras, um efetivo e três substitutos (estas três vagas, correspondem a contratos que não ultrapassam o período de dois anos). Portanto, é nesse cenário que levantamos a problemática dessa pesquisa, pois há grande rotatividade de professores de Libras, que além disso, geralmente vem de diversos locais do país.

Outra questão que também ajudou a delinear nossa pesquisa consiste no fato que diferentemente da maioria das cidades do estado de Goiás, os surdos de Jataí, aprenderam Libras por meio de apostilas de outras regiões do país, o que reflete em muitos sinais diferentes dos que são utilizados na cidade de Rio Verde, que é bem próximo, situada a 80 quilômetros de distância, ou até mesmo de Goiânia, capital de

Goiás, situada a 340 quilômetros de distância. Ressaltamos que os sinais utilizados em Rio verde, são os mesmos utilizados em Goiânia, uma vez que ambas utilizam os mesmos materiais didáticos.

De acordo com Oliveira e Marques (2014), a variação linguística consiste em algo natural, uma vez que a língua é algo vivo e pode sofrer variações históricas, de gerações, regionais dentre outras. Assim ressaltamos que a variação linguística acontece em todas as línguas, no caso da Libras, Gesser (2009) resalta que esta não apresenta uma unidade no país, trata-se de uma língua permeada por diversidade e variedade linguística, como qualquer língua humana.

Entretanto, por mais que compreendemos a diversidade linguística como natural, uma variação muito ampla em uma mesma região pode acarretar uma dificuldade na comunicação. Especificamente, no caso da comunidade surda na cidade de Jataí, que consiste em uma comunidade pequena se comparada, numericamente, à comunidade ouvinte do local. Desta forma, geralmente nos deparamos com questionamentos dos alunos acerca dos sinais que outros professores ensinam ou ensinaram, de forma diferente.

A partir desta compreensão, a referida pesquisa tem como objetivo apresentar a comunidade acadêmica, bem como a comunidade surda de Jataí, um estudo acerca da variação linguística da Libras (Língua Brasileira de Sinais) presente nos espaços da Universidade Federal de Jataí – UFJ. Especificadamente, buscamos levantar uma discussão acerca da normatização dessa língua de sinais utilizada nesse ambiente acadêmico e pelos surdos da cidade de Jataí.

Para tanto, a pesquisa se ancora nos pressupostos da pesquisa qualitativa, trata-se de um estudo bibliográfico com o apoio Brito (1995), Castro Junior (2011), Oliveira e Marques (2014), dentre outros. Assim organizamos o estudo da seguinte forma, inicialmente, apresentaremos um breve histórico sobre a evolução das línguas de sinais, mais especificamente a história da aceitação ao uso da Libras. Posteriormente, apresentaremos os caminhos que iremos percorrer no desenvolvimento da pesquisa.

HISTÓRICO DA LÍNGUA DE SINAIS

Para falarmos à respeito do ensino da língua de sinais, e a importância desse ensino para a comunidade surda, bem como as dificuldades relacionadas ao ensino dessa língua, precisamos compreender a história de evolução das línguas de sinais, mais especificamente a história da aceitação ao uso da Libras. Pois, diversos fatores quanto as barreiras no ensino da Libras se contrastam com o processo evolutivo de aceitação dessa língua. Tais como a imposição da oralização aos surdos, a proibição da língua de sinais nas escolas e demais instituições sociais, dentre vários outros capítulos que serão desenvolvidos no decorrer deste texto.

Assim, a comunicação em sinais sempre existiu. Há desde, nos relatos bíblicos, descrições à respeito de pessoas que não falavam, isto é, que não se comunicavam por meio da oralização. Os surdos, porém, sempre foram vistos como seres anormais, sempre foram estigmatizados pela sociedade e classificados como loucos, doentes, e pelo fato de utilizar as mãos e serem mais expressivos, não eram bem vistos pela sociedade ao qual conviviam. Muitos ouvintes pensavam que os surdos eram seres castigados por deuses e assim, eram maltratados e descartados pela comunidade ouvinte (STROBEL, 2009).

Em muitas civilizações antigas, os surdos, por serem considerados inválidos, representavam um peso para aquele povo, eram abandonados ou sacrificados, ou até mesmo usados como escravos. Assim, apesar da evolução enquanto atitudes à respeito dos surdos, na Idade Média, estes ainda eram vistos, pela população majoritariamente ouvinte, como seres ineducáveis, primitivos e sem utilidade para a sociedade (SILVA, 2017). Contudo, de acordo com o autor, eram privados de confessar, casar e até mesmo votar, direitos de qualquer cidadão comum.

Somente no século XVI, a comunicação em sinais começou a ser aceita no processo ensino das pessoas surdas. Que foi possível a partir do trabalho do médico e filósofo italiano Gerolamo Cardano (1501-1576), que afirmava que o fato da pessoa ser surda, não a impediria de ser instruída por meio dos sinais e da escrita. De modo que Cardano assegurava que era um crime não instruir os surdos (SOARES, 1999; STROBEL, 2009).

Entretanto, o uso da comunicação em sinais para o ensino de surdos, somente ganhou forças no ano de 1760, na cidade de Paris na França. A partir dos trabalhos de um francês, Abade Charles Michel de L'Épée (1712-1789), ao perceber que a comunicação por sinais se desenvolvia satisfatoriamente, decidiu educar os surdos que não pertenciam as famílias ricas ou nobres. Com isto, L'Épée criou os sinais metódicos, para ensinar preceitos religiosos (SILVA, 2006). Deste modo, L'Épée criou a primeira escola pública de surdos do mundo, e assim, os surdos aprenderam francês escrito e outras disciplinas de diferentes áreas do conhecimento (SILVA, 2017).

A partir dos trabalhos de L'Épée, a língua de sinais começou a ser compreendida como ferramenta eficaz para o ensino de surdos. Consequentemente, outros países começaram a procurar a escola de L'Épée para se espelharem no método educacional utilizado na instituição de ensino, francesa. Com isto, em 1816, Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851), impressionou-se com o método de língua de sinais usado pelo abade Sicard (1742-1822), sucessor de L'Épée na escola de Surdos em Paris e assim, retornou ao Estados Unidos em companhia do professor surdo francês Laurent Clerc (1785-1869), para juntos fundarem em Hartford, no ano de 1817, a primeira escola permanente para Surdos nos Estados Unidos. O sucesso foi tão

grande que no ano de 1864, foi fundado nos Estados Unidos a Gallaudet University, na cidade de Washington (SILVA, 2017).

No Brasil, o ensino de surdos, por meio da língua de sinais, teve início no ano de 1855, a pedido do Imperador Dom Pedro II (1825-1891), veio ao Brasil o professor surdo francês Eduard Huet para abrir uma escola para pessoas Surdas. Assim, no ano de 1857, no dia 26 de setembro, foi inaugurada na cidade do Rio de Janeiro, a primeira escola para surdos no Brasil, o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, ao qual funciona até os dias de hoje (SILVA, 2017). É importante ressaltar que a língua utilizada nessa escola foi a Língua de Sinais Francesa, a qual foi utilizada pelos surdos de várias regiões do país. A passo que essa combinação, surgiu a Libras que somente foi reconhecida, como língua oficial das comunidades surdas, no ano de 2002, pela lei já supracitada, a Lei 10.436.

Contudo, ao pensarmos que a partir do ano de 1857, a Libras foi moldada e utilizada pelos surdos brasileiros, e nesses mais de 150 anos, as barreiras linguísticas presentes na Libras, bem como no ensino dessa língua, já deveriam ter sido sanadas. Entretanto, um fator histórico agravante, enquanto processo linguístico e cultural dos surdos, foi imposto de forma obrigatória e que acarretou diversos prejuízos na comunidade surda. Pois, no dia 11 de setembro do ano de 1880, na cidade de Milão, Itália, ocorreu o Congresso Internacional de Surdo-Mudez, mais conhecido como Congresso de Milão. Nesse congresso, aconteceu a votação para escolha do método mais eficiente para educação de Surdos, sendo escolhido o método da oralização ou o método da educação baseado na língua de sinais (STROBEL, 2009). Oralização ou oralismo trata-se do método educacional para o ensino dos Surdos que tem como objetivo levar o Surdo a falar e integrar-se como um membro produtivo no mundo dos ouvintes.

Dessa forma, houve uma votação, na qual cento e cinquenta e nove contra cinco votos contrários, decidiram que o método oral era o mais adequado a ser adotado pelas “ [...] escolas de Surdos e a língua de sinais foi proibida oficialmente sob a alegação de que a mesma destruía a capacidade da fala dos Surdos, argumentando que os Surdos são preguiçosos para falar, preferindo a usar a língua de sinais” (STROBEL, 2009, p. 26). É importante ressaltar que, os surdos foram proibidos de votar durante o referido congresso (SILVA, 2017). Isto é, os surdos foram proibidos de utilizarem a língua de sinais e proibidos até mesmo o direito de decidirem sobre o método de sua própria educação escolar.

Portanto, “[...] devido ao racismo e o medo do diferente, era necessária a demonstração de poder, no qual estabelecer a língua oral como meio de comunicação normal em detrimento da língua de sinal, foi fundamental para oprimi-la, acabar com ela” (SOUZA; GALLO, 2002 apud SILVA, 2017, p. 29). De acordo com Skliar (2005), a filosofia oralista era dominante, e impunha seu aprendizado sem nenhum referencial

teórico.

Para Strobel (2009), mesmo passado cento e trinta sete anos após o Congresso de Milão, “[...] a comunidade surda se sente violada, pois, durante quase 100 anos, os Surdos viveram em um isolamento cultural, marcado pela resistência à imposição da língua oral e à negação ao direito de comunicar em sinais” (STROBEL, 2009 apud SILVA, 2017, p. 31). Para Silva (2017), o Congresso de Milão foi a legitimação do massacre da língua e cultura dos surdos, aos quais geraram prejuízos incalculáveis.

No caso específico do Brasil, a Libras só foi reconhecida como língua natural da comunidade surda brasileira a partir da Lei nº 10.436, no ano de 2002 e regulamentada por meio da aprovação do Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2002; 2005). O Decreto tem como objetivo, promover e incluir o sujeito surdo nos diversos espaços da sociedade em que vive. Para Silva (2017), as leis supracitadas, se consolidam em um marco histórico de lutas e direitos de grande valia para a comunidade surda brasileira, pois a partir desses dispositivos, “a Libras passou a ser alvo de uma série de políticas públicas com o objetivo de se consolidar como efetivo instrumento de inclusão e comunicação dos surdos no país” (RAMOS, 2006 apud SILVA, 2017). Contudo, este trabalho tem como ponto inicial a obrigatoriedade da oferta da disciplina de Libras nos diversos cursos da Universidade Federal de Jataí – UFJ.

Como qualquer outra língua, a Libras também possui uma variação linguística. “A variação linguística é resultado da influência histórica de cada geração [...] a língua evolui, e as evidências podem ser vistas nas variações, tanto pela história, região e sociedade” (OLIVEIRA; MARQUES, 2014). Na língua portuguesa, temos como exemplo a palavra “mandioca”, que em determinadas regiões do país, se chama “macaxeira” ou “aipim”, porém o significado é o mesmo.

Da mesma forma, na Libras também há variações linguísticas, entretanto, percebe-se que a variação dentro da língua de sinais é maior do que as demais línguas orais. Isto se dá pelo fato da língua de sinais não utilizar uma escrita de sinais própria, dificultando assim, a formalização dos sinais enquanto configuração de mão, movimento, localização, orientação da mão e expressão facial, ou seja, os cinco parâmetros que fazem parte da gramática da Libras.

Para Castro Junior (2011), a Libras possui uma escrita da língua de sinais, porém, ela nem sempre é compreendida pela maioria dos surdos, muito menos pelos ouvintes, assim o registro das palavras se dá pela escrita da língua portuguesa, o que dificulta o registro dos sinais.

DESENVOLVIMENTO

Com o objetivo de oferecer um ambiente de ensino-aprendizagem de língua de sinais igualitário a todos os estudantes da UFG/Jataí, este trabalho está sendo

desenvolvido juntamente com todos os professores de Libras da UFG/Regional Jataí, além da professora de Libras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG, Câmpus Jataí. Essa parceria entre as principais instituições de ensino superior da cidade de Jataí tem como objetivo realizar um material didático, com imagens e vídeos dos sinais utilizados na disciplina de Libras.

O momento para se pensar nos sinais em Libras ao qual serão utilizados no ambiente de ensino da UFG/Jataí e IFG/Jataí, não poderia ser mais oportuno, pois no grupo de professores de Libras que estão participando dessa pesquisa, conta com a cooperação de dois professores surdos e um professor CODA (Children of Deaf Adults, que significa filho ouvinte de pais Surdos).

Salientamos que não se trata de normalizar e unificar a língua a partir dos interesses próprios do referido grupo de pesquisa, mas, sim de propor um material capaz de auxiliar a comunidade surda jataiense, na comunicação com outros surdos da região de Goiás.

Dessa forma, em um primeiro momento, fizemos um debate acerca dos conteúdos que serão abarcados nas disciplinas de Libras. Atualmente a UFG/Jataí oferece vinte e quatro cursos de graduação, sendo dez cursos de licenciatura, no qual exige conteúdos voltados para formação docente para o ensino de surdos, além dos diversos cursos de bacharelado. Portanto, é necessário pensar na especificidade de cada curso, ou ainda nas grandes áreas do conhecimento, para que seja possível trabalhar os sinais decorrente de cada curso de graduação, formando assim, um profissional, independente de sua área de atuação apto para contribuir com a inclusão social do sujeito surdo.

É importante ressaltar também que, as disciplinas de Libras que são oferecidas para os diversos cursos da UFG/Jataí, são disponibilizadas como Núcleo Livre (é um conjunto de conteúdos que objetiva garantir liberdade ao aluno para ampliar sua formação, composto por disciplinas eletivas por ele escolhidas), assim, ainda não é possível aprofundarmos nos conteúdos específicos que carece cada um dos cursos.

Contudo, levantamos os conteúdos que irá contribuir com os alunos que cursam a disciplina de Libras, de forma geral. Assim, definimos para a disciplina de Libras 01 os seguintes conteúdos: Curiosidades a respeito da língua de sinais; Alfabeto manual; Saudações e despedidas; Introdução a gramática da Libras; Números; Advérbio de tempo; Calendário; Sinais introdutórios; Família; Verbo; Legislação; História da educação dos surdos; Cultura Surda; Alimentos; Classificadores; Animais; Expressão facial e corporal; Expressões, afirmativas, negativas e interrogativas; Cores; e, Tipos de verbos.

Para a sequência destes conteúdos, analisamos o processo de desenvolvimento linguístico da Libras, pois, por se tratar de uma língua que difere das demais línguas oral-auditiva, a Libras se desenvolve na modalidade visual-espacial. Sendo assim,

necessita de atenção ao parâmetro de expressão facial e/ou corporal, pois mais do que 50% da comunicação em língua de sinais está sustentada nesse parâmetro, sendo que o surdo fixa o olhar, no olho do emissor e não nas mãos.

Já para a disciplina de Libras 02, definimos os seguintes conteúdos: Antônimos; Sinais relacionados aos ambientes de estudo; Profissões; Grau de escolaridade; Cursos Superiores; Expressões idiomáticas em Libras; Sinais relacionados ao ambiente doméstico; Meios de Transportes; Meio de comunicação; Corpo Humano; Estados / Cidades / Países; Esportes; Religião; Remédios; e, Introdução à prática de interpretação de textos.

Após esse levantamento de quais conteúdos serão trabalhados nas disciplinas de Libras, faremos, uma análise dos sinais que serão repassados aos estudantes, em cada um desses conteúdos supracitados. Reiteramos a necessidade de se pensar na especificidade de cada curso e será nesse momento que também faremos um levantamento dos sinais específicos dos cursos de graduação, a fim de oferecer um vocabulário em Libras que contribua diretamente na área de atuação dos acadêmicos.

Enfim, com essa definição dos conteúdos, bem como os sinais em Libras que serão transmitidos aos estudantes, faremos também a gravação em vídeo desses sinais, além da edição em formato de apostila para ser disponibilizado a todos os alunos das disciplinas de Libras, por meio da plataforma SIGA (é um sistema próprio da UFG), servindo assim como material de suporte a esses alunos, bem como aos professores que ministram essa disciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos estudos apontam que a variação linguística consiste em algo natural, tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais. Entretanto, quando se trata de uma variação muito ampla pode ocasionar em um desfavorecimento na comunicação, bem como a interação entre surdos e ouvintes (que estão aprendendo Libras).

Sendo assim, esperamos com essa pesquisa, oferecer um ambiente de ensino-aprendizagem de língua de sinais igualitário a todos os estudantes da UFJ, favorecendo assim, um espaço amplo de comunicação em Libras dentro e fora da universidade. Esperamos ainda, que o material produzido, sirva de apoio para o processo de aprendizagem dos acadêmicos das disciplinas de Libras, além de material de suporte para os docentes dessa disciplina.

Como resultado mais amplo, ainda se espera com o desenlace dessa proposta, favorecer o uso de sinais regionais, próprios do estado de Goiás, pela comunidade surda de Jataí. Enfim, favorecendo assim, o diálogo em Libras nos diversos ambientes sociais da cidade de Jataí.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto n. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 2005.

_____. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 2002.

BRITO, L. F. **Por uma gramática línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1995.

CASTRO JUNIOR, G. **Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira – Foco no Léxico –**. 2011. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília – UNB. 2011.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?: Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MASUTTI, M. L.; QUADROS, R. M. de. CODAs brasileiros: libras e português em zonas de contato. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G.. (Org.). **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

OLIVEIRA, R.; MARQUES, R. R.. Uso da Variação Linguística na Língua Brasileira de Sinais. **Revista Diálogos: Linguagens em Movimento**, 2014.

SILVA, T. de A. **A disciplina de Libras na formação de professores**. 2017. 82 f. Dissertação (Mestrado em Educação para ciências e matemática) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Jataí, 2017.

UFG- Universidade Federal de Goiás. **SISCONCURSO**. Sistema de concursos. Goiânia, 2019. Disponível em: <https://sistemas.ufg.br/CONCURSOS_WEB/informacoes/concurso/cd_concurso/2448>. Acesso em: 04 de jun. de 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Água 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34

Alfabetização 71, 125, 133, 134, 135, 139, 142, 144, 152, 231, 234, 237, 238, 242, 247

Alfabetize 133, 134

Aprendizado 20, 24, 33, 54, 79, 85, 97, 122, 127, 133, 136, 138, 140, 141, 142, 143, 179, 202, 204, 206, 208, 228, 246, 259, 302

Aprendizagem 1, 2, 4, 5, 6, 10, 11, 15, 17, 20, 25, 26, 27, 30, 32, 33, 34, 35, 43, 51, 54, 70, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 98, 100, 101, 103, 105, 107, 108, 109, 119, 120, 121, 122, 123, 130, 133, 134, 142, 143, 151, 152, 156, 177, 178, 180, 181, 183, 185, 186, 189, 192, 198, 201, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 222, 226, 227, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 250, 260, 262, 265, 267, 273, 275, 280, 282, 287, 289, 291, 297, 298, 306, 307, 308, 315, 321, 341

Assimetrias 188, 190, 191, 199, 200

B

BNCC 45, 46, 211, 212, 213, 216, 217

Brincadeira protagonizada 36, 37, 39, 43

C

Corpo 11, 168, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 195, 253, 262, 283, 284, 290, 294, 295, 297, 307, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 342, 348, 349, 350

D

Desafios 15, 49, 51, 96, 100, 103, 105, 108, 143, 176, 189, 191, 200, 201, 204, 206, 214, 222, 244, 254, 274, 279, 286, 318, 319, 349

Desenvolvimento profissional 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 286, 288

Dicotomia corpo/mente 177

Direito 8, 15, 21, 52, 72, 73, 75, 78, 123, 127, 128, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 159, 163, 212, 259, 260, 270, 288, 299, 300, 319, 343, 344, 345

E

Educação continuada 133, 136, 142

Educação infantil 35, 36, 39, 41, 42, 43, 72, 231, 305, 306, 308, 309, 311, 348, 350

Educação profissional e tecnológica 1, 2, 3, 12, 13

Educação pública 45, 46, 47

Educação superior 3, 12, 158, 159, 160, 164, 165, 166, 175, 176, 188, 189, 190, 191, 199, 200, 229, 248, 256

Eficácia social 145, 146, 147

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 33, 34, 35, 41, 42, 48, 50, 52, 55, 59, 73, 74, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 99, 100,

107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 123, 126, 131, 135, 143, 144, 145, 146, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 231, 232, 233, 234, 237, 239, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 265, 267, 268, 270, 271, 277, 278, 280, 282, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 291, 298, 306, 307, 308, 309, 311, 312, 315, 345, 349, 351

Ensino de química 25, 31, 33, 34, 35

Ensino médio 6, 7, 9, 16, 24, 25, 27, 34, 59, 88, 90, 91, 94, 109, 111, 112, 113, 115, 116, 164

Ensino público 163, 171, 201, 204

Ensino superior privado 157, 158, 159, 160, 164, 166, 167, 172, 175, 176

Estatística aplicada 54

Extensão da sala de aula 54

Extraescolares 14, 17, 19, 20, 21, 22

F

Fanfics 211, 212, 213, 215, 216, 217

Formação de professores 1, 13, 21, 36, 41, 133, 143, 188, 189, 199, 245, 246, 256, 263, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 306, 308, 311, 312

Foucault 177, 178, 179, 182, 185, 187, 297, 303, 325, 327, 329, 334, 348

Fracasso escolar 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

G

Gestão democrática 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53

Gestor escolar 45, 47, 49, 50, 51, 53

I

Inédito-viável 201, 202, 205, 207, 208, 209

Intraescolares 14, 17, 19, 20, 22

J

Jogo didático 24, 25

L

Legislação 2, 6, 47, 48, 49, 126, 145, 155, 199, 254, 256, 261, 268

M

Merleau-ponty 177, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Multidisciplinaridade 109

N

Nanociência 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

Nanotecnologia 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116

P

Perfil docente 1, 2, 4, 11

Precarização 157, 158, 159, 164, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

Produção de texto 140, 211, 212, 213, 215, 216, 217

Professor 2, 4, 5, 7, 10, 11, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 38, 57, 58, 73, 81, 93, 102, 111, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 134, 136, 138, 143, 144, 152, 168, 171, 188, 189, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 258, 259, 261, 280, 281, 282, 283, 285, 286, 287, 289, 306, 308, 312, 313, 317, 318, 319, 320, 336, 339, 347

Psicologia histórico-cultural 20, 36, 43

T

Tecnologia 1, 2, 3, 7, 10, 12, 27, 69, 106, 107, 111, 116, 135, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 222, 225, 229, 249, 261, 263, 334

Trabalho docente 5, 131, 157, 158, 159, 161, 164, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 198

 **Atena**
Editora

2 0 2 0